



## **PEDAGOGIA DOS ATIVISMOS LGBT**

Rafael Lima Vieira

*Observatório dos Movimentos Sociais da América latina*

*Universidade Federal de Pernambuco*

*dr.rafael.lima.vieira@gmail.com*

Paloma Raquel de Almeida

*Universidade Federal de Pernambuco*

*paloma\_almeida\_18@hotmail.com*

**RESUMO:** Este trabalho analisa os ativismos LGBT a partir de sua atuação educativa. Considera-o espaço de transformação de subjetividades e de aprendizagens mútuas. Sendo assim, pode ser caracterizado como espaço educativo e como fundador de uma pedagogia peculiar. Pedagogia essa particularmente distinta das pedagogias convencionais, pois alcança as pessoas que o compõem, mas também aquelas que tocam sua rede de sociabilidade virtual ou material.

**Palavras-Chave:** Pedagogia, Educação, Ativismo LGBT.

### **INTRODUÇÃO**

Este trabalho é parte de um estudo que objetivou caracterizar o perfil político do ativismo LGBT no município de Caruaru-PE. Para isso, adotamos a noção de Educação como indício político; ou seja, entendemos que o projeto educativo e pedagógico de determinada instituição reflete seus posicionamentos e afinidades políticas. Nessa direção, tivemos como objeto de estudo as ações educativas do ativismo LGBT e as intencionalidades políticas que as mesmas expressam.

A necessidade de esclarecer a questão “Qual o perfil político identitário da militância LGBT em Caruaru?” se faz urgente à medida que a proliferação de grupos de militância LGBT emerge no município e, conseqüentemente, tais grupos empreendem lutas por espaços de poder com a finalidade de colocar em evidência seus respectivos projetos político identitários.

Nossa primeira iniciativa, então, foi caracterizar as ações dos ativismos como ações educativas, visto que a concepção de



processo educativo, didática e processo de ensino e aprendizagem dos movimentos sociais se diferenciam daqueles historicamente conhecidos.

### **Discussão teórica**

O envolvimento do Movimento LGBT com a educação ultimamente vem ampliando o alcance das ações educacionais a espaços e momentos diferentes daqueles do ensino convencional, por isso vem contribuindo para a ampliação da própria noção de educação. Neste sentido sua ideia de educação se estende para além da forma conteudista de tratar o conhecimento adquirido pela humanidade. Podemos vislumbrar essa ampliação de acordo com as palavras de Anderson Ferrari (2004) que diz: “O objetivo do movimento é a construção dos sujeitos, responsável pelas mudanças de visões, posturas, hábitos, transformação das pessoas a partir de um conhecimento de si e do mundo” (FERRARI, 2004; pág. 107).

Dessa forma, a atuação LGBT contribui para a reconstrução da subjetividade e da sociedade a partir da problematização sobre a convivência com as diferenças sexuais. Foi, segundo Ferrari, “de forma consciente que o movimento gay surgiu a partir de uma preocupação com o entendimento do mundo (...) e com a demanda de desconstruir as identidades homossexuais

cristalizadas em busca de novas possibilidades de vivências mais positivas” (FERRARI, 2004; pág. 107).

A educação, nessa abordagem, não é instrução, é uma maneira de construir identidades e correlações entre identidades; esclarecer sobre a equidade entre elas e o respeito mútuo necessário ao bem estar de qualquer tipo de manifestação individual, pessoal ou social.

Isso vai ao encontro da discussão de João Francisco de Sousa (2007), que discute a questão da aprendizagem, mas também da reconstrução da subjetividade, assim como da humanização do ser humano a partir da intervenção pedagógica. A introdução de seu pensamento pode ser expressa da seguinte forma:

Nossa hipótese fundamental de trabalho é a de que uma atividade ou uma situação tem um potencial educativo ou pode contribuir para a educação do ser humano, especificamente, se garantir condições (subjetivas, mas também umas tantas objetivas) para sua humanização. Trabalhamos com a convicção de que a educação, inclusive a escolar, pode contribuir com a **CONSTRUÇÃO DA HUMANIDADE DO SER HUMANO** (SOUZA, 2007, p. 26).

Sua perspectiva educativa e pedagógica, então, parece estar direcionada de maneira a extrapolar os limites da aquisição de



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

conhecimentos objetivos acumulados pela humanidade, e se alinhar com a própria possibilidade de tornar um ser humano um ser humanizado. Como fica evidente em sua obra, a origem de suas hipóteses, provenientes da Educação Popular

Entendem a educação como atividades culturais para o desenvolvimento da cultura, contribuindo para superação das negatividades de todas e quaisquer culturas, e para a formação e impulso de suas positivities tendo em vista a construção da humanidade de todos os seres humanos em suas diferentes feições, em todos os quadrantes da pós-modernidade/mundo (SOUZA, 2007, p. 27).

A maneira disso se materializar não pode ser a partir da hegemonização de uma ou outra manifestação cultural ou identitária. Ao contrário, é a pluralidade e variedade de formas de vida e manifestações culturais que nos fazem evoluir e, aos poucos, nos tornamos cada vez mais humanizados. Essa humanização, contudo é um processo muitas vezes conflituoso; portanto, as questões postas pelos movimentos LGBT são um exemplo desse conflito necessário à nossa humanidade. Conforme diz João Francisco de Souza:

A aprendizagem e a educação só acontecem quando se estabelecem esses confrontos. Confronto entre as minhas formas de pensar, emocionar-se, e as formas apresentadas por professores, livros, artigos, televisão, religiões, entre tantos outros possíveis meios e mecanismos.

Confrontos amistosos ou conflituosos, mas que vão sempre provocar reações e tensões que podem ocasionar novas formulações. Sem essas reações/formulações não há aprendizagem possível. Não há educação (SOUZA, 2007, p. 29).

Essa maneira de tratar a educação como uma forma de transformação da vida e humanização do ser humano também pode ser vista nas palavras de Reinaldo Matias Fleuri (2003). Convergente com a perspectiva de João Francisco de Souza, ao tratar tal perspectiva de educação como sendo a principal perspectiva dos movimentos sociais da atualidade, Fleuri diz que a maneira de esses conflitos e confrontos acontecerem está associada à interação entre as diferenças culturais e, por sua vez, identitárias:

Em todos estes movimentos sociais e educacionais que propõem a convivência democrática entre diferentes grupos e culturas, em âmbito nacional e internacional, assim como a busca de construir referenciais epistemológicos pertinentes, o trabalho intercultural pretende contribuir para superar tanto a atitude de medo quanto a de indiferente tolerância ante o “outro”, construindo uma disponibilidade para a leitura positiva da pluralidade social e cultural. Trata-se, na realidade, de um novo ponto de vista baseado no respeito à diferença, que se concretiza no reconhecimento da paridade de direitos. (FLEURI, 2003, p. 16-17)

Essa não é uma educação puramente de reconhecimento do “outro”. É uma educação que constata “O outro” como constituinte do

[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)

(83) 3322.3222

[contato@generoesexualidade.com.br](mailto:contato@generoesexualidade.com.br)



“eu” e vice versa. Fleuri vai dizer que “Educação para a alteridade” é o termo adequado para se referir a essa educação que trata do reconhecimento e da legitimação cultural e identitária:

Tal perspectiva configura uma proposta de “educação para a alteridade”, aos direitos do outro, à igualdade de dignidade e de oportunidades, uma proposta democrática ampla que, no mundo anglo-saxão, se define como Multicultural Education (EUA, Canadá, Grã-Bretanha), e que, nos outros países da Europa, assume diferentes denominações: pedagogia do acolhimento, educação para diversidade, educação comunitária, educação para a igualdade de oportunidades ou, mais simplesmente, educação intercultural. Por este motivo, Stephen Stoer e Maria Luiza Cortesão, de Portugal, têm utilizado o termo educação inter/multicultural para indicar o conjunto de propostas educacionais que visam a promover a relação e o respeito entre grupos socioculturais, mediante processos democráticos alógicos. (FLEURI, 2003, p. 17).

Mas é novamente Anderson Ferrari (2004) que associa essa capacidade de humanização e reconhecimento do outro da educação ao trabalho da militância LGBT. Para este autor, a militância LGBT não pode ser considerada como um meio de conquista de direitos, ou melhor, a conquista de direitos almejada pelos movimentos de cunho identitário-sexual são também educativos e, por isso mesmo, são capazes de humanizar o ser humano:

Dessa forma, foi fortalecendo-se uma característica que já existia no interior do movimento gay desde o seu

surgimento: a dedicação à educação. A referência não é à educação escolarizada, mas a todo processo educacional mais amplo, à essência da educação. O objetivo do movimento é a construção dos sujeitos, responsável pelas mudanças de visões, posturas, hábitos, transformação das pessoas a partir de um conhecimento de si e do mundo. De forma consciente, o movimento gay surgiu a partir de uma preocupação com o entendimento do mundo, com a tentativa de esclarecer e dominar os parâmetros de sua organização e de classificação da homossexualidade, e com a demanda de desconstruir as identidades homossexuais cristalizadas em busca de novas possibilidades de vivências mais positivas. Portanto, se a ideia era pensar a organização do mundo e como esse grupo estava sendo explicado e se explicava a partir disso, isso significava pensar a política das identidades (FERRARI, 2004, p. 107).

Suas considerações continuam sempre justificando a relação entre a educação e a construção de subjetividades a partir do encontro das diferenças e da multiplicidade de formas de vida e de identidades, sejam elas individuais ou coletivas.

Além disso, é importante destacar que ao realizar este trabalho de enfrentamento dos desafios postos na relação entre intimidade e sociedade, os movimentos gays podem ser entendidos como espaços educativos. Afinal, contribuem para elaborar novas formas de conhecimento para além dos seus integrantes e para além da homossexualidade. O respaldo para essa afirmação está nas palavras de Santos (2001), que entende a educação como todo campo de criação das “subjetividades paradigmáticas”, ou seja, local em que o pensamento crítico independente, de transformação emancipatória, pode e deve ocorrer. (FERRARI, 2007, p. 107).



### **Análise empírica**

O pensamento educativo da militância LGBT de Caruaru está imerso em falas que, na maioria das vezes não foi explicitamente caracterizado como “educativo” pelas pessoas que entrevistamos. Nesse sentido, muitas das falas que analisamos como detentoras do pensamento educativo dos/as militantes não se remetem exatamente à educação ou ao que se pensa sobre educação.

Entretanto, nossa compreensão de que o pensamento educativo e pedagógico pode estar diluído em meio a falas de outra natureza, como falas sobre saúde, falas sobre mídia, ou falas sobre arte, nos possibilita analisa-las falas de maneira a retirar dela o que de educativo conseguem expressar. A seguir apresentamos a maneira como consideramos o pensamento educativo da militância LGBT de Caruaru.

Consideramos que a militância LGBT de Caruaru é uma militância onde os agentes atuam, de modo geral, numa maneira isolada e não articulada. Isso não impede, contudo, que suas atuações sejam potencialmente educativas, podemos dizer até que solidão e individualidade são as condições para que se encarne de um caráter educativo. Talvez a percepção, por parte dos militantes, da fragilidade que a ausência das mobilizações de massa efetua, seja o fator que

caracteriza sua ação como sendo educativa.

Uma definição para isso está claramente colocada no diálogo com nossos entrevistados. Alguns deles têm encontrado maneiras de potencializar sua atuação através de instrumentos educativos. Essa relação pode ser identificada a partir da fala a seguir:

Entrevistador: Cleyton... Tem crescido, nesse mundo pós-moderno, que gosta de inventar termos, uma noçãozinha, uma palavrinha que tá crescendo e tomando conta da “rede” – que por sinal é nova pra mim – que é a noção de “sofativismo”. Que sintetiza aquelas pessoas que realizam seus ativismos em casa, no sofá, nas redes sociais, na internet, nos seus blogs, fazem denúncias *online*, enfim... mas que não tem essa perspectiva de movimentos de massa. O que você acha disso? [...].

Cleyton: É, ela existe, mesmo. Eu acho válido, sabe, Rafael?! É necessários vários... várias... Existem várias estratégias, formas... né... conteúdos, manifesta... É “formas”, mesmo, de intervir, de se questionar, ou de criticar. Eu acho válida. Não acho suficiente. Mas eu acho que ela também... ela trás à tona o uso de novas é... ferramentas, isso! Eu acho que se, por exemplo, você posta ali, vou dar um exemplo: a presidenta vetou uma política educacional LGBT e eu acho isso um absurdo, eu acho isso uma falha. E de repente as pessoas vão tá vendo tua ideia. Isso pode gerar um movimento em rede. Então... eu acho que é interessante, sim; embora não seja suficiente. E se a gente olhar por outro lado, talvez as ações que são realizadas sem ser dentro das redes sociais ou na perspectiva *sofativista* às vezes também não tem o alcance tão grande. Ela até tem um alcance mais local, então a gente tem que observar, mesmo, quais são as vantagens e desvantagens de cada natureza de manifestação delas.



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Cleyton é um autêntico sofativista. Sua página no *facebook* é conhecida como reduto de informações acerca da questão LGBT. Mas, como sua resposta mostra, apenas esse tipo de atuação não é suficiente para ele; talvez por isso sua página na web sirva mais como meio de publicação e divulgação de suas atividades no mundo real. Para Cleyton a ampliação da sua militância do mundo real ao mundo virtual é uma ação eminentemente educativa. Seu esforço não é apenas exibir o que faz, mas de alguma maneira contribuir com a formação de uma consciência política a respeito da questão LGBT de seu círculo de amigos virtuais sobre a diversidade, assim como conscientizá-los sobre a violência sofrida pela população LGBT.

Por que longe de uma militância institucionalizada, Cleyton tem buscado recursos para ampliar os efeitos de sua atuação. Ele tem encontrado na internet, nas redes sociais, uma ferramenta para dar à sua atuação um teor transformador e educador.

Na conversa com Priscilla e com Paulo, pudemos constatar a mesma característica educativa que é tão determinante de suas ações. No caso de Priscilla, que trabalha na área da saúde e da prevenção, a conscientização parece ser um fator importantíssimo para a minimização da vulnerabilidade da população LGBT. Essa

conscientização tem não apenas a população LGBT como alvo, mas toda a sociedade que, em certa medida, pode ser considerada como fomentadora de tal vulnerabilidade.

Entrevistador: Vocês fazem alguma ação voltada para o público em geral, dentro ou fora das escolas?

Priscilla: Sim, aí a gente diz que a gente sempre precisa trabalhar com a secretaria de saúde. Se você for em alguma escola e vai fazer algum tipo de trabalho especificamente para o público gay nenhuma escola aceita. Aqui em Caruaru, infelizmente, acontece isso. Então o que é que a gente usa? A gente usa que a gente vai falar de DST/AIDS, então a gente tem oportunidade de ir pras escolas, a gente tem trabalho no presídio. Ano passado, mesmo, a gente fez um trabalho na CP Construção que foi pra trabalhar com mil e quinhentos homens. Então a gente foi para trabalhar com prevenção de DST/AIDS e a li a gente falava sobre a homossexualidade.

Nesse mesmo momento Priscilla relata o caso de um trabalhador da construção civil que participou de um tipo de palestra promovido com a sua contribuição que lhe relatou o seguinte ao final da atividade:

Priscilla: [...] “Olhe, meu filho, ele é um homossexual, então, por eu não aceitar ele, coloquei ele pra fora de casa; e depois que eu vi esse trabalho que vocês fizeram com a gente eu fui até onde meu filho estava, chamei ele, pedi perdão a ele e meu filho está morando comigo”.

Sua intenção em narrar esse acontecimento reflete seu desejo em dar a seu trabalho de

[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)

(83) 3322.3222

[contato@generoesexualidade.com.br](mailto:contato@generoesexualidade.com.br)



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

esclarecimento sobre saúde e prevenção de DST/AIDS um caráter educativo e transformador. Isto é, Priscilla percebe que a mudança de concepções e preconceitos acerca de temas envolvendo a homossexualidade não pode fugir da discussão sobre prevenção e DST/AIDS, já que há um grande contingente de homossexuais que foram expulsos de casa e sem possibilidade de seguir uma carreira profissional diferente tem a prostituição como alternativa. E se essa atividade os faz sobreviver financeiramente, também os expõe mais constantemente às doenças da qual ela está falando. Sua atuação não é apenas expositiva e instrutiva, essa é uma atuação problematizadora e educativa. A condição para que sua militância aconteça - prestemos atenção que essa militância é na área da saúde e da prevenção – é que ela seja patentemente educativa.

Na mesma medida, Paulo Roberto toma para si uma militância que existe devido ao que de educativo ela é capaz de materializar. Seu vasto quadro de atividades e de espaços em que atua exige que suas ações sejam pensadas com uma base educativa fortalecida. Como a fala a seguir ilustra, e como na conversa nos pareceu, o ponto alto de sua atuação militante diz respeito à conscientização de grandes massas. Paulo busca espaços propícios à grandes aglomerações de pessoas, e que em

geral apresentem um alto índice de violência homofóbica para se manifestar.

Entrevistador: E alguma ação que vocês fazem para educar as pessoas, mas que não seja dentro da escola?

Paulo: Conscientizar?... o que eu faço em 40 municípios nas festas de rua: eu subo no palco... por que estatísticas comprovam que durante as festas de rua os homossexuais são agredidos, verbalmente, fisicamente, moralmente, e até assassinados. Então, o que é que acontece, antes ou junto com a principal atração, ou antes da principal atração entrar... como foi ontem... antes de Garota Safada entrar... antes de entrar, eu subo no palco, brinco, pergunto: “quem tem preconceito?”, ninguém diz nada. Aí quando eu pergunto: “e quem não tem preconceito?”, toda a plateia levanta a mão. Aí eu explico que ter preconceito com gays e lésbicas é crime de dois a quatro anos de cadeia [...].

De fato, por um lado alguns militantes LGBT em Caruaru têm a educativa como uma dimensão necessária ao seu ativismo, e muitas vezes como requisito básico para que tal ativismo aconteça. Contudo, por outro lado, alguns/as militantes estão preocupados com a aquisição de novas competências que garantam de maneira mais objetiva uma melhor qualidade de vida à população LGBT, como cursos profissionalizantes ou empregos.

Mas, acreditamos que a educação não acontece apenas em momentos destinados especificamente ao ensino ou à instrução, mas todas as vezes em que as pessoas estão em comunhão, em troca de experiências, em

[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)

(83) 3322.3222

[contato@generoesexualidade.com.br](mailto:contato@generoesexualidade.com.br)



interação umas com as outras. Por isso, mesmo as ações que não tem a educação como requisito ou como condição de existência são experiências educativas. Nessa direção, um pensamento educativo pode ser extraído dessas ações, mesmo que esse pensamento educativo não esteja no nível da consciência. Podemos constatar isso na fala de Stephane:

Stephane: Venho buscando cidadania para as travestis e transexuais e venho inserindo elas em alguns mercados de trabalho, de cursos. E, assim, buscando a quebra do preconceito.

Para Stephane, a dificuldade de inserção no mercado de trabalho para travestis e transexuais tem sido uma grande preocupação. Sua iniciativa busca direcionar, com ajuda do poder público, essas pessoas a postos de trabalho. Isso, para Stephane é educativo, no sentido que consegue mostrar que ser uma mulher transexual é um detalhe pouco importante para se levar em consideração, seja na ocupação de um cargo ou função trabalhista, como em outros tipos de atividades.

Nessa direção, ao realizar esse exercício de reflexão e análise constatamos que a atuação militante em Caruaru tem um forte teor educativo. Por isso, analisar a atuação e as experiências da militância Caruaruense

possibilita analisar o seu pensamento educativo. Confrontamo-nos com esse pensamento educativo para estabelecer o quadro de intencionalidades políticas que, por sua vez, indicarão o perfil político-identitário da militância LGBT em Caruaru.

## CONCLUSÕES

A partir das considerações feitas sobre os ativismos LGBT em Caruaru, chegamos a um consenso duplo.

Primeiro: concluímos que o vasto espectro de ações dos ativismos LGBT - pela originalidade metodológica, assim como pelo requisito da conscientização das formas de violação que toca as subjetividades LGBT's - se constituem como ações de construção e transformação de subjetividades e reconhecimentos mútuos; sendo assim, podem ser denominadas "ações educativas", mesmo que não resgatem os pressupostos clássicos de educação.

Segundo: consideramos que as ações ativistas, a partir de agora denominadas ações educativas, refletem diretrizes políticas, marcas ideológicas, construções discursivas e relações de poder com as quais é possível realizar um exercício de análise que ilustre o fundamento político identitário em jogo na luta pela ocupação dos espaços de poder.



## REFERÊNCIAS

FERRARI, Anderson. Revisando o passado e construindo o presente: o movimento LGBT como espaço educativo. **Revista Brasileira de Educação**, nº 25, janeiro a abril de 2004.

FERRARI, Anderson. “A bicha banheirão” e o “homossexual militante”. REUNIÃO ANUAL DA ANPED. 29; 2006. **Anais da 29ª Reunião Anual da ANPED – Educação, Cultura e Conhecimento na Contemporaneidade**. 2006. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT231688--Int.pdf>. [Acesso em: 12 de dez. 2011].

FLEURI, Reinaldo Matias. Intercultura e educação. In: **Revista Brasileira de Educação**. n. 23, p. 16-35; maio/jun./jul./ago., 2003.

SANTOS. Boaventura de Sousa. Dilemas do nosso tempo: globalização, multiculturalismo e conhecimento. Entrevista. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, UFRGS, pág. 13-32; v. 26, nº 1, 2001.

SOUZA, João Francisco de. E a educação popular: que?? **Uma pedagogia para fundamentar a educação, inclusive escolar, necessária ao povo**. Recife: Bagaço, 2007.